

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO IV

22 DE FEVEREIRO
DE 1893

Estado do Parahyba

PUBLICAÇÃO DIARIA

ANNO IV

SEMPRE E
MEZ
NEMERO AVULSO

ISSIGNATURA
CAPITAL

Quarta-feira, 22 de Fevereiro de 1893

REDACÇÃO E OFFICINAS

2—Rua da Medalha—2

ASSIGNATURA
INTERIOR E ESTADOS

ANNO
SEMPRE
TRIMESTRE

135000
75000
45000

Nº 33

PAGAMENTO ADIANTADO.

PAGAMENTO ADIANTADO.

Estrada de ferro Conde d'Eu

A «União» e os hoplitas da situação querem a viria força recomendar o nome do sr. dr. Alvaro Machado ao povo parahybano, e, na ausencia de factos positivos, que atestem o civismo e actividade de s. exc., não se pejam de levianamente attribuir ao presidente do estado, todos os melhoramentos alcançados pelo patriotismo e exclusiva iniciativa da deputação parahybana no congresso.

É preciso que o contemporaneo saiba que o povo não é tão ingenuo, que não distingua o joio do trigo.

Nós vimos, ainda ha pouco tempo, o esforço heroico, despendido inutilmente pelo orgão official para fazer crer aos incautos, que o auxilio de quinhentos contos havia sido obtido pelo prestigio e solicitações do presidente junto ao governo federal.

Felizmente, neste ponto, foram batidos e esmagados pela singela e documentada exposição, que sobre o assumpto fez o talento e a sinceridade de Epitacio Pessoa.

Obrigados a guardarem o mais vergonhoso silencio acerca do auxilio, soccorrem-se, agora, do prolongamento da Conde d'Eu.

Andam com effeito á cata da gloria, para o seu presidente como Hatteras em procura do pólo, ou Paturot do seu ideal!

Quem acompanha os trabalhos da Camara sabe perfeitamente que na sessão de 1891, graças aos esforços dos representantes do Parahyba foram consignados no orçamento da Agricultura creditos, para o prolongamento da Conde d'Eu até Campina. A má vontade e a desidia do governo deixaram de dar immediata applicação a esses creditos, que foram consignados novamente no orçamento vigente.

Já vêo publico que nulla fo: a interferencia do sr. Alvaro na obtenção do prolongamento da Conde d'Eu.

A carta do sr. Serzedello é simplesmente uma informação á ignorancia do sr. Alvaro Machado a respeito dos negocios do estado que administra como se pode ver do periodo abaixo:

«O trecho a cargo da estrada de ferro sul de Pernambuco, que tem de ligar a Conde d'Eu, e de Mulungá á Campina Grande, passando por Alagôa Grande».

Fazemos justiça ao sr. dr. Serzedello Correia, S. exc., conhece a Constituição Federal e sabe que a votação de creditos para construcção de linhas-ferreas é da competencia exclusiva do congresso.

O poder executivo simplesmente applica e fiscaliza as quantias votadas.

Somente a «União» compete inverter as normas constitucionaes, dando a paternidade do prolongamento da Conde d'Eu exclusivamente ao sr. Alvaro, como se poderá ver do seguinte trecho:

«Ainda bem não tinha descançado, de pedir auxilio aos poderes federaes para melhor organizar o Estado não lhe escapando a grande vantagem que podia advir do prolongamento da nossa ferro-via, cis que emprega todos os esforços para a consecução de tamanho beneficio».

Quando o sr. Alvaro tomou conta do governo do estado, já estavam até feitos os estudos. E como se sabe no Brazil é cousa mais difficil, quando o governo comprehende qualquer obra.

A intervenção do presidente, quando muito, limita-se a ter implorado supplicemente o pequeno obsequio do sr. ministro por em pratica as verbas consignadas no orçamento, graças á actividade e ao zelo dos representantes do Parahyba.

Se a «União» quer titulos nobilitantes que endosseem o nome do sr. Alvaro, tem em quantidade nos ultimos actos de s. exc. — Aposentadoria de Illeguex e candidaturas arbitrariedades, para os perfuços e prerogativas insignificantes do pessoal inepto para os cargos publicos, de respeito á lei, emfim, muitas outras não enumeramos.

Enfeitarem-se, porém com as pennas alheias, é torçoso confessar não é muito decente; e a «União» deve lembrar-se do proloquio: quem o alheio veste na praça o despe.

BARBARIDADE

No Pará deo-se um facto praticado pelas autoridades, tão monstruoso e terrível que não encontramos adjectivos bastantes para stygmatisar os seus autores.

El-o em resumo, segundo um telegramma passado para «O Paiz».

PARÁ. — Em Igarapémirim deo-se condemnavel excesso por parte das autoridades da segurança local.

Policeno Antonio do Espirito-Santo tem alli praticado varias gatuagens e é mesmo considerado incorrigivel na pratica destes crimes.

Ha mais de quinze dias, talvez depois de uma destas faltas, foi Policeno preso e barbaramente espancado a sabre.

Depois os policiaes amarraram fortemente pelos braços o desgraçado, com cordas linas e assim o conservaram durante quinze dias.

Pela acção do tempo, pelos maus tratos que o pobre homem soffreu e daquelle modo impedida a circulação do sangue. Policeno ficou em miseravel estado.

A grangrena atacou-lhe os braços e os ossos nus, repellentes, penderam dos ante-braços.

Quando já o caso chegara a este ponto vergonhoso, denuncia foi dada, seguindo immediatamente ordem para que o desgraçado Policeno fosse remetido para esta capital.

E á pobre victima do reprovavel excesso chegou hontem a esta cidade, e desde o ultimo o cidadão até o governador verificaram que a denuncia não tocara o exagero, sendo a expressão exacta da triste verdade.

Policeno só hontem foi medicado e os clinicos que o examinaram pasmam de de que não houvesse perecido, tal o seu estado.

O Dr. Lauro Sodré immediatamente demittiu o perfeito da segurança de Igarapémirim, a bem do serviço publico, sem prejuizo de ulterior procedimento criminal.

Para este effeito e de ordem de S. Ex. o chefe da segurança publica, vac seguir para aquella localidade, abrirá rigoroso inquerito para responsabilisar todos os implicados neste crime das autoridades.

FACADA

Sabbado, 18 do corrente á noite, estando uma praça do 27 a praticar insolencias na rua do Cajueiro foi reprehendida e chamada á ordem por um cabo.

O soldado puchando de uma faca investio contra o cabo, atirando-lhe uma facada que por felicidade só attingio-lhe a mão, traspassando-a.

Consta que o soldado foi preso.

NAS «ALTEROSAS MONTANHAS»

Lemos na «A Cidade do Rio»: Dizem-nos que o Sr. Affonso Penna está contando os seus dias de presidencia de Minas Geraes.

Falla-se sobre tudo n'uma scena de dilaceramento de autos e em ameaças aos redactores do proprio orgão official do Estado.

Em vão pediu o Sr. Affonso Penna que lhe removessem o obstaculo; em vão um dos seus secretarios queixou-se e supplicou a condescendencia do Itamaraty. É preciso que Minas Geraes não presuma que é melhor que os demais Estados.

A bayoneta, como o sol, é para todos. Si S. Ex. quizer ser presidente ha-de ser assessorado pela palavra eloquente do fusil.

CLUB CARNAVALESCO DIFFERENÇA

Com o titulo de uma diversos moços organizaram um club carnavalesco no lugar Barreirinha, desta cidade.

BALBÚRDIA

Apezar das justas observações que fizemos em um dos nossos numeros passados, continua a ser feito o pagamento do mez de Janeiro do corrente anno ao professorado pelo orçamento do anno passado.

Para cumulo do absurdo foi agora posto conjuntamente em execução o orçamento findo e o vigente.

Assim professor publico é pago segundo a tabella do orçamento revogado, mas dispensando-se a deducção de 2 % que alli se marcara, observando-se portanto n'esta parte o actual orçamento, que acabou com a dita deducção.

Mais uma vez appellamos para o comprovado circumphecção do honrado inspector, afim de que faça cessar essa extravagancia.

Vindo do Rio-Grande do sul, acha-se n'esta cidade o illustre e distincto clinico dr. Odilon Fernandes de Carvalho. Comprimtamol-o.

Não valem santos affectos, Nem carinhos, nem ventura, Quando aos olhares directos Do mundo, a mulher perjura.

A FALTA DE TROCO

Chamamos a attenção do sr. administrador dos Correios d'este Estado para as difficuldades com que lutam as partes no recebimento e na emissão de valores postaes, tudo a falta de dinheiro miúdo.

São innumeradas as reclamações nesse sentido e é justo que o publico não soffra nos seus interesses.

O caso reclama energicas providencias e bem poderá o sr. administrador obtel-as recorrendo ao poder competente.

Um amator teve a paciencia de procurar conhecer como o verbo «eu amo» se escreve em 27 linguas. Eis o resultado do seu pavoroso trabalho.

Em italiano, portuguez e hespanhol— amo; em francez—j'aime—em grego—aghapo; em roumano—eu inbec; em irglez—love; em russo—troubliou; em hollandez—inmaak; em allemão—ich liebe; em breito—karan; em dinamarquez—jeg elsker; em sueco—jag elsker; em polaco—kocham; em basco—maitatzendet; em hungaro—varok; em turco—séréyoroum; em arabe (Alegria) nehabb; em arabe (Egypcio)—nef al; em persa—doust darem; em armenio—géserem; em hisdotanico—maui bolta; em cambodgiano—khuhom sreland—em annamita—toi thu'ong; em nez—quo hihouan; em japonéz watakusi wa suki masu; em walof—sapaná; em malaio—sahyasuka; e em tim em volapuk—lofolo.

EXTRANHA MONOMANIA

O dr. Mairet apresentou á academia das sciencias e letras de Montpellier o caso extranho de uma enferma que desde os 12 annos padece de uma monomania rarissima: receia que o ouro possa cair-lhe no fato ou introduzir-se-lhe na pelle.

Esta idéa faz-lhe padecer angustias tremendas, pois tem medo de que a acusem de ter roubado aquelle ouro.

A todos os momentos ouve cair moedas no chão.

Quando vê certos moveis ou pessoas extranhas, precisa pôr-se de joelhos, fechar os olhos e dizer minuciosamente as partes componentes dos moveis ou detalhar as feições e o vestuario das pessoas. Depois uma das suas irmãs deve dizer-lhe:

—Já não ha mais nada, Ouvindo isto, a doente lava as mãos, ergue-se, sacode-se e recobra a tranquillidade.

Em pequena já manifestava muitos extrapulos exaggerados, chegando a pensar que mentia quando dizia «alguma palavra».

Notas à toa

Bem me parecia a mim que a pobre-sinha tinha sido aguentada por um mão signo logo no nascedouro. As boas fadas não bafejaram-lhe o berço e por isso ella, coitada, tem se visto n'uma doboudora do inferno. O pac que a gerou, levado pela cegueira natural e condescende das alegrias do primeiro filho só quiz foi enfeitá-la, atolando-a em bibes, ricos, sim, mas de um mão gosto repellente. Como muitos outros de nossos caros concidadãos, em vez de deixar a creança livre em seo espernear garrulo e saltitante, arrimou-lhe ao pescoço uma porção de burundangas desde o dente de aranha favoravel a funcção da dentição até a figa que preserva do quebranto e ventre cahido, e olhos de S. I. u. zia, em metal, fetiche que preserva das ophthalmias. O rolicó e roseo corpinho era envolvido impiedosamente em uma camisinha de rendas e mais um vestido por cima e mais outros atavios apertados por uma facha de seda. Na cabeça uma touca enorme e aos pés uns sapatinhos de polimento. Tudo isso de muito mão gosto, de cores espaventosas, dando a pobre creancinha a parecença de um baicú enfeitado.

Cada parente e adherente que vinha visitar o recém-nascido achavam-no parecido com o pac, embora não se lhe distinguisse a ponta do nariz e dava sua opinião que devia andar vestido assim e assado, como filho de pessoas boas.

Depois a creancinha era retirada do berço, estremunhando, agitando os pequenos punhos, dos, como protestando contra as importunos que vinham perturba-la; e, como no brinquedo do limãozinho, andava na roda, passando de mão em mão. Era um côro de elogios á perfeição da creança; uns achavam que nos olhos puchira ao pac, outros que puchira á bocca da mãe, uma velha dizia que era escarrada e cuspidá a bocca da avó, já trahindo um certo tic de lamber os beiços, uma pudibunda comadre, com ares graves vaticinou que o magano havia de fazer mais estrepitos do que o pac, e piscou-lhe significativamente os olhos.

Todo o dia era isso, até que chegou o dia do baptisado. Para padrinho foi convidado o coronel, um velho fino como um fuso, de nariz de taboca, aliás pessoa de sufficiencia, gozando de muita importancia no governo e até amigo do bispo.

Para maior solemnidade foi este convidado para applicar ao recém-nado o sacramento applicador que dava-lhe direito inconcusso ao cêo, si o diabo não o levasse. Com certeza a creança não foi consultada sobre esse grande presente que iam fazer-lhe, e estou certo que lhe era indifferente ser ou deixar de ser baptisada, bastando-lhe para viver bem ou mal o facto physiologico das funcções animaes, porque depois da morte habitar onde ha a eterna harmonia dos celestiaes coros emasculados, ou onde se ouve o ranger dos dentes, isso não era da conta de ninguém.

Muito padre caturra tenho visto que implicam ás vezes com o nome que se pretende dar a creança, por ser pagão, ou feio, ou não estar no agiologio, da folhinha, deixando de baptisá-la, como si o nome não fosse uma voz com que si dão a conhecer as cousas e pessoas, seguindo reza a artesinha do padre Pereira.

Foi o que succedeo no dia da solemnidade, mas por outra causa. Ao ministro apresentaram o catechumeno e depois de ter gravemente o coronel se compromettido que o pequeno inconsciente renunciava a Satanaz, suas pompas e obras, reparou o ministrante na facha que o cingia e deo immediatamente o prego ao latim que engrollava.

—Não posso continuar por causa dessa facha, que tem justamente o lemma do vexillo de Satan.

Mas, ponderou o padrinho e confirmaram os circumstantes, isso não foi feito por malicia; foi a mãe que sem caso pensou bordou o distico, e não foi para fazer pouco em vossa reverencia.

—Retirem-se, torno a engulir o latim, e váo levá-la á synagoga da Umanidade.

Enfiados retiraram-se todos, o padrinho vendendo azeite ás canadas, o pac dando ao diabo aquella lembrança da mulher, e o cortejo lastimando o acacimento idiota que vinha deitar agua nas vódas.

A visinhança curiosa e os vadios da rua que se tinham reunido defronte da casa para atmençar a festança, logo de longe souberam do incidente começaram a flautear da cara amarrada dos festeiros, cousa que fez damnar o pac da creança que ao entrar arrancou a malhada da facha e atirou-a no chão do lixo.

A onça comeu a festa, como se diz em gria sertaneja, e todos sahiram murchos sem olhar para os donos da casa.

Succedeo que o virmo trapiaa encontrando aquelle ob...

em lugar onde se depositam mulambos, correo a vendel-o a um belchior, ultramarino, pé de boi.

O negociante lambeo-se com o achado e em um dia de festa nacional querendo co-participar dos jubilos da nação que o acolhera e deixára se explorar, içou no mastro aquella vistosa e rica facha, á guiza da bandeira; mas para não ser conhecida se por ventura por ali passasse o ex-dono, substituiu o lemma por este: —colvões i pinicos— que era ao mesmo tempo reclame da casa.

O diabo que não dorme fez que por ali passassem justamente nesse dia os paes e parentes da creança que reconhecendo aquelle fatal objecto, causa de dissaiores na sociedade e brigas com a cara metade, e enfurecidos quizeram substituir o emblema pelo dono, mas foram obstados a isso pela intervenção da policia.

O negociante jurou a seus deuses não fazer mais outra e na primeira occasião vendeo-o a um turco que ia traficar em Santos.

O sectario de Mafoma logo que chegou começou a apregoar aquillo como cousa da Terra Santa, assegurando que aquella reliquia authentica tinha sido trazida pelo Summo Sacerdote Annaz no Synhedrim, quando tratou-se da questão do Nazareno.

A municipalidade que é composta de fiebreos zelosos e ciosos adquirio por boa somma a vetusta reliquia: mas succedeo que estando no porto uma galera de arabigos, gente turbulenta, em uma noute que a tripulação andava bebada, a fazer ceulema pelas ruas, foi ás mãos com a policia da terra, apoderando-se da sagrada bandeira, rompêo-a e pisou-a.

Maior insulto não podia ser atirado á uma nacionalidade. Mas, como os arabigos eram fortes, apezar dos offendidos não serem fracos; houve um governo bastante safado que em vez de lavar a affronta com sangue, mandou seo ministro lavar-a com champagne, em regabofe com os offensores!

O governo tomou scisma com aquelle distinctivo que parecia ter mandinga e tratou de mudal-o. A isso replicou desordenadamente o sodalicio dos ephobos, flor da gente, onde dito governo recrutava os emissarios de confiança para seus crimes.

Era uma insubordinação, um crime. Mas o governo que tragou a humilhação do insulto á bandeira, não podia entezar com quem protestava para conserval-a, julgando-a livre do vilipendio que não poude ser lavado.

Diziam os sustentadores da mudança que aquella bandeira era uma cousa estapafurdia, tinha letreiro, parecia o rotulo do Cognac marca Cometa, que á sua confecção não presidira senso esthetico, que havia aquella horrivel alliança do azul e amarello, cores qui hurlent de se trouver ensemble em qualquer obra d'arte, que era de seita etc. etc.

A rapaziada sustentou o toco e o governo recuou, causando esse facto desgosto a muito proconsul de provincia.

Estava mais que provado que a pobre-zinha nascera empellicada. Para maior caiporismo descobre-se agora que ella está torta, virada, como estava virada a cabeça dos astrologos que collocaram ali a constellação do Cruzeiro.

A sociedade astronomica de França assim acaba de dizel-o, confirmando a opinião do dr. Antão de Vasconcellos, que logo a principio impugnara aquelle erro.

Eis o que lemos na «A Cidade do Rio»: «Quando um dos diarios d'esta capital, consulto, em plebisicito, «O Paiz», sobre a bandeira brasileira, eu, em carta dirigida á redacção d'aquelle jornal, disse: «que a bandeira devia ser mudada, porque estava de pernas para o ar, devendo achar-se a constellação do Cruzeiro do Sul, sobre a facha que marca o Equador, visto ser o pólo do Sul, o que está em cima para nós, que estamos no hemispherio austral».

Aquelle jornal annotou a minha carta que foi publicada, com esta nota:—«Monarchista confesso, com pretensões a astronomo».

Como gosto sempre de confundir a ignorancia, consultei a Sociedade Astronomica de França, e eis a resposta que me chegou hoje, no jornal L'Astronomie.

Mr. Antão de Vasconcellos, á Rio de Janeiro. —Vous avez parfaitement raison: le drapeau du Brésil, portant le croix du Sud, au dessous de sa bande équatoriale, est à l'envers pour les habitants du Brésil. Logiquement, les habitants de l'hémisphère austral devraient mettre le Sud, en haut.

Vae com vista ao governo, que deve mandar endireitar a nossa bandeira, que de pernas para o ar, nada significa.

É justo, portanto, que o governo tome uma deliberação: mude a bandeira, ou mude os pólos, o que me parece mais facil. —H. Antão de Vasconcellos.

Pobre bandeira!

LUDAMBULO.

